

Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento

Comunicação

Maria Amélia Benincá de Farias
UFRGS/IFRS
maria.beninca@gmail.com

Resumo: Essa comunicação apresenta as etapas iniciais de uma pesquisa de doutorado em música, área de concentração educação musical, iniciada em março de 2019. O objetivo da pesquisa é compreender a educação musical posta em prática por uma rede de mulheres voluntárias, que se dedicam a promover experiências de bandas de rock para meninas e mulheres, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de características reflexivas (MELUCCI, 2005), com fundamentação metodológica construída a partir da pesquisa de gênero (TERRAGNI, 2005). A revisão de literatura buscou compreender o contexto em que ações músico-pedagógicas para meninas e mulheres surgiram e se sistematizaram nas cenas do punk e do rock, além de buscar outras pesquisas na área da educação musical que se dedicam a promover práticas inclusivas de banda de rock. Trata-se de uma temática relevante para a área, por se dedicar a formas, práticas e problemáticas contemporâneas na educação musical. O que já se pode apontar até o momento é que o grande mérito de ações músico-pedagógicas inclusivas, envolvendo bandas de rock, reside em mostrar que não há impedimentos justificáveis, seja em termos de gênero, idade, raça, etnia, classe ou religião para impedir uma pessoa de participar ativamente de uma banda. Dada as oportunidades, qualquer indivíduo, inculido desse desejo, tem condições de ocupar esse lugar.

Palavras-chave: bandas de rock; acampamentos de rock para meninas; educação musical e gênero

Introdução

Essa comunicação apresenta as etapas iniciais da minha pesquisa de doutorado em música, área de concentração educação musical, iniciada em março de 2019, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Professora Doutora Jusamara Souza, que lidera o grupo de pesquisa Educação Musical e Cotidiano, o qual integro desde 2014. A

pesquisa conta com o fomento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, no qual atuo como docente, no *campus* Porto Alegre, desde 2017, e que me concedeu, em 2020, o afastamento integral, com substituição, permitindo que eu me dedique exclusivamente ao doutorado.

O objetivo da pesquisa é compreender a educação musical posta em prática por uma rede de mulheres¹ autônomas e voluntárias, em projetos desenvolvidos por elas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Tratam-se de projetos músico-pedagógicos intensos, de curta duração, que buscam oportunizar a prática em bandas de rock para meninas e mulheres, com o objetivo de aumentar sua autoestima e percepção de capacidade musical. O objetivo geral da pesquisa se desdobra nos seguintes objetivos específicos: compreender quem são as mulheres integrantes dessa rede; como funcionam suas ações músico-pedagógicas e que significado essas mulheres constroem nesse processo de educação musical.

Entrei em contato com essa rede de mulheres alguns meses antes de iniciar o doutorado. No final de 2018, fui selecionada como voluntária para participar de uma ação músico-pedagógica que ocorreria em janeiro de 2019. Tal ação, no formato de acampamento diurno, tinha como objetivo proporcionar a meninas dos 7 aos 17 anos, a experiência de fazer parte de uma banda de rock. Durante uma semana, as participantes aprenderiam fundamentos básicos de um instrumento musical, formariam uma banda, com a qual viriam a compor uma música, além de escolher um nome para seu conjunto, criar um logo, fazer colagens, camisetas e, por fim, apresentar-se em um show para amigos e familiares. No decorrer da semana, elas também participariam de outras oficinas, como dança e defesa pessoal, para enriquecer a sua experiência coletiva. Tudo proporcionado por uma rede de mulheres autônoma e voluntária, sem vínculos institucionais. Tal experiência era muito

¹ Essa pesquisa trabalha com o conceito de gênero como categoria performática a partir da tese de Judith Butler (2019), perspectiva compartilhada com as colaboradoras da pesquisa. Assim, a palavra ‘mulher’ faz referência ao conjunto de indivíduos que performam esse gênero, considerando tanto os indivíduos que foram designados mulheres em seu nascimento – denominadas mulheres-cis – quanto os indivíduos que tiveram outro gênero designado em seu nascimento, realizando a transição para a categoria mulher, num momento posterior – denominadas mulheres-trans. Entretanto, no período abrangido pela pesquisa até então, o campo foi composto apenas por mulheres-cis.

diferente da que eu havia vivido como criança e da que eu proporcionava como educadora musical e despertou meu interesse no início do doutorado.

Durante os primeiros meses de doutorado, eu dediquei-me à revisão de literatura para conhecer como projetos com características semelhantes, que lidavam com questões de educação musical e gênero, eram desenvolvidos pela área. Com a decisão de trabalhar com esse projeto no doutorado mais fundamentada, fiz meu primeiro contato, como doutoranda, com as mulheres que haviam me selecionado com voluntária, no final de 2018. Eu havia perdido contato com elas desde a minha participação no projeto, e não sabia o que esperar: não sabia se e como elas mantinham contato entre si, se já estavam se mobilizando para a edição de 2020 ou se preparavam outros projetos. Por coincidência, quando eu entrei em contato, elas estavam organizando uma nova ação, inédita em Porto Alegre, nos mesmos moldes da que já ocorria, mas voltada para mulheres adultas – um desejo antigo entre elas. Diante do meu contato, considerando minha experiência como educadora musical, o fato de que eu já havia sido voluntária em um de seus projetos e meu interesse de estar mais próxima a elas, como pesquisadora, elas decidiram me convidar para colaborar com essa nova ação. Aceitei o convite para me juntar a elas e foi assim que meu campo se ampliou, passando a incluir também as ações voltadas para as mulheres adultas, além das que já ocorriam, voltadas para as meninas mais jovens.

Esse formato de ação músico-pedagógica – que se iniciara em Porto Alegre com uma primeira edição há 3 anos e vinha se repetido anualmente desde então – lida com muitos desafios da educação musical contemporânea, que agregam características peculiares a esses projetos. Uma delas é o fato dessas ações ocorrerem sem nenhum vínculo oficial com instituições de ensino, sendo feito por uma rede de mulheres autônoma que precisa, todos os anos, se mobilizar para garantir que os projetos ocorram novamente. As ações não estão registradas em nenhum estatuto, nem descritas em um plano de ensino. Elas dependem de um acordo feito entre mulheres que compartilham valores e crenças e entendem que tais ações são importantes e precisam acontecer. Também é característico o formato da ação, curto e intenso, que visa uma finalização com performance, mesmo lidando, na maioria das vezes, com iniciantes. Trata-se de um formato que se compromete com resultados musicais

que envolvem composições originais, em um prazo muito curto e sem exigir experiência musical prévia, pensando e organizando a aprendizagem num ritmo diferenciado, sendo, como eu mencionei no início da comunicação, muito diferente do que eu lido cotidianamente como educadora. Por fim, há o recorte de gênero específico que, ao optar por trabalhar apenas com meninas e mulheres, mostra o desejo de interferir em sua socialização musical, buscando intensificar nelas o interesse pela música e a percepção de capacidade, de que elas podem tocar qualquer instrumento musical, compor, ocupar o palco e almejar o sonho de ser uma estrela do rock. Esse conjunto de características torna esse projeto de educação musical especialmente relevante para a nossa área. Compreendê-lo por meio da pesquisa ajudará a entender melhor a educação musical na contemporaneidade, com suas novas formas de organização, de lidar com o tempo e de combater discriminações históricas, como, nesse caso, a discriminação de gênero.

Fundamentação Metodológica

Por tratar-se de uma pesquisa cujos sujeitos são mulheres, engajadas em questões de gênero, a pesquisa de gênero (TERRAGNI, 2005), mostrou-se como a fundamentação metodológica mais adequada. Essa abordagem apresenta uma “pesquisa de percursos novos que ajudam a entender a experiência das mulheres, na vida real, no sistema de relações com a própria linguagem delas” (TERRAGNI, 2005, p. 143).

A pesquisa de gênero é uma metodologia qualitativa e reflexiva, centrada na experiência do indivíduo, nesse caso, um indivíduo com marcas de gênero específicas. Tal perspectiva metodológica faz sentido em uma contemporaneidade na qual “os processos de individualização das sociedades complexas tendem a criar condições de autonomia para os sujeitos individuais” (MELUCCI, 2005, p. 28-29), concedendo “para a experiência individual um papel e um valor muito importantes: daqui nasce a atenção sobre a dimensão da experiência do indivíduo especificamente” (Ibidem., p. 29).

O olhar para a experiência do sujeito alinha-se com uma perspectiva que olha para o cotidiano dos indivíduos, espaço no qual

[...] constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido ao vínculo da ordem constituída. *O sentido é sempre mais produzido através das relações e esta dimensão construtiva e relacional acresce na ação o componente de significado na pesquisa* (MELUCCI, 2005, p. 29, grifo meu).

O olhar para o cotidiano como espaço onde as relações de sentido dos sujeitos são construídas é a tônica do grupo de pesquisa Educação Musical e Cotidiano, com enfoque especial para as possibilidades de aprendizagens colocadas ali:

A perspectiva dessas teorias [do cotidiano] analisa o sujeito imerso e envolvido numa teia de relações presentes na realidade histórica preñe de significações culturais. Logo, a aprendizagem não se dá num vácuo, mas num contexto complexo. Ela é constituída das experiências que nós realizamos no mundo. *Dessa maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconscientemente – criamos sentidos e fazemos o mundo possível* (SOUZA, 2008, p. 7, grifo meu)

Essa perspectiva, quando deslocada para a pesquisa de gênero, centraliza-se na experiência da vida cotidiana de indivíduos específicos: as mulheres. Cabe apontar que eu, a pesquisadora, também sou uma mulher que compartilha dessas marcas de gênero. Como pesquisa reflexiva, isso significa que a minha experiência também é levada em conta, integrando os dados de pesquisa e a matriz analítica. A categoria da experiência, nesse caso, não é “restrita [à] mera observação empírica. É a experiência vivida do pensar e do sentir, do agir e também do receber impressões, é uma pesquisa de relações com outras pessoas e também consigo mesma” (HELD apud TERRAGNI, 2005, p. 145-146). Assume-se que não existe a possibilidade de uma pesquisa neutra, com resultados replicáveis: tais resultados são inseparáveis da minha atuação e da minha história como pesquisadora nesse campo.

Por fim, a pesquisa de gênero também pressupõe a “compreensão participada e não autoritária do outro” (LIEBLICH, apud TERRAGNI, 2005, p. 148). Nas palavras de Mies (1983, p. 123), “a relação vertical entre pesquisadora e ‘objetos de pesquisa’, o olhar de cima, deve ser substituída pelo olhar de baixo”, numa perspectiva horizontal. Eu, como pesquisadora, reconheço, valido e respeito o conhecimento e a experiência das colaboradoras da pesquisa. Mantenho uma relação aberta com elas, buscando não disfarçar ou omitir meu

posicionamento como pesquisadora, relação esta que precisa ser explicitada e contada nos diários e relatórios da pesquisa (TERRAGNI, 2005, p. 148).

Ferramentas metodológicas

Tal perspectiva metodológica conta com algumas ferramentas preferidas: “o uso de entrevistas em profundidade, observação participante, pesquisa-intervenção (ou pesquisa-ação, como a define Mies), coleta de materiais biográficos, histórias de vida” (TERRAGNI, 2005, p. 148). Para essa pesquisa, as ferramentas escolhidas foram as entrevistas em profundidade e a observação participante.

A entrevista em profundidade foi trabalhada na perspectiva da entrevista com mulheres (OAKLEY, 1981, 2015). Em artigo publicado em 1981, Oakley relata os desafios que encontrou ao realizar um grande estudo de entrevista com mulheres, e que não eram satisfatoriamente atendidos pelos manuais de pesquisa da época. Um dos desafios foi a necessidade de responder, da mesma forma, as perguntas que as entrevistadas colocavam na entrevista. Ignorar as perguntas ou dar respostas que tangenciavam não era uma possibilidade, posto que se desejava construir uma relação não-hierárquica com as entrevistadas. Para que elas se sentissem abertas para responder as perguntas, a entrevistadora também deveria estar aberta a responder as questões que lhe eram postas (OAKLEY, 1981, p. 43).

No caso dessa pesquisa, ao chegar nesse campo, que não tinha ligações institucionais e que, até então, não havia colaborado com outros estudos desse tipo, minhas intenções como pesquisadora foram recebidas com alguma desconfiança. Essa desconfiança foi sendo superada a partir de uma abordagem direta da minha parte, que não fugia dos questionamentos postos, fosse antes, durante ou depois das de entrevista. Os textos de Oakley (1981, 2015) foram essenciais para me encorajarem nesse sentido

Oakley também fala sobre como as relações com as entrevistadas foram se transformando, no decorrer da pesquisa, para algo mais próximo do que a relação pesquisadora-colaboradora (OAKLEY, 1981, p. 44). Enquanto isso tem se mostrado uma realidade também no meu campo, no texto de 2015 a autora problematiza a questão das

amizades construídas no decorrer da pesquisa, sugerindo cautela ao falar de uma relação tão complexa (OAKLEY, 2015, p. 10).

Ainda, no texto publicado em 2015, Oakley passa a conceber o processo de entrevista a partir da metáfora de um presente. A autora explica:

As transações da relação de presentes (Mauss, 1954; Titmuss, 1970) estão presentes quando os pesquisadores sociais pedem às pessoas que respondam perguntas sobre suas vidas; a agência dos questionados, oculta nas prescrições dos livros didáticos de hierarquia e poder desigual, reside pelo menos em parte na capacidade de optar por responder às perguntas dos pesquisadores e doar material de pesquisa (OAKLEY, 2015, p. 9).

A metáfora da entrevista como um presente é adequada: a entrevistada decide dar, ainda que parcialmente e nos próprios termos, o controle sobre a história que ela conta. Mesmo com as garantias de que a entrevistada pode retomar trechos, omitir partes ou até se retirar completamente da pesquisa se quiser, há momentos em que não mais retorno: quando os artigos e teses são publicados, contendo análises que compreendem e foram influenciadas pelas entrevistas concedidas. Ainda que eu me esforce em mostrar meu comprometimento e seriedade com o campo, no momento da análise, escrita e publicação, as entrevistas já estão apenas sob meus cuidados e responsabilidade. Entregar seus relatos e percepções é uma imensa demonstração de confiança por parte de cada uma das entrevistadas, ainda que elas mesmas possam, eventualmente, não ter isso muito claro para si mesmas.

A observação participante, por sua vez, tem ocorrido desde a minha entrada oficial no campo, como voluntária, em uma nova ação feita por essa rede de mulheres, ocorrida em agosto de 2019. Desde então, ocorreram duas ações músico-pedagógicas, além de uma terceira ação, paralela, organizada a partir do interesse dessas mulheres de terem também para si um espaço de prática e celebração musical compartilhada. Participei ativamente dessas ações, registradas em diários de campos e fotos e vídeos oficiais dos eventos. Nos diários, registro as ações através do meu olhar e percepção, bem como a minha experiência como mulher e musicista que também integra essa rede.

Essa forma de estar e registrar o que ocorre no campo, aproxima-se da *experiential analysis* – “análise experiencial”, numa tradução aproximada – abordagem sistematizada por

Shulamit Reinharz em livro publicado em 1979 e trazido no artigo sobre pesquisa de gênero de Terragni (2005). A abordagem – que se apoia na sociologia do conhecimento para reforçar a importância de conhecer o contexto em que cada conhecimento é criado e estabelecido (REINHARZ, 1983, p. 163) – foi amplamente abraçada pelas pesquisadoras feministas justamente por colocar a experiência do indivíduo como elemento central da pesquisa (REINHARZ, 2002, p. vii).

Reinharz organizou a *experiential analysis* como uma metodologia composta por um conjunto de componentes interativos: “*pressupostos, preparação pessoal, formulação do problema, coleta de dados e interrupção, digestão e apresentação dos dados, questões políticas*” (REINHARZ, 1983, p. 174, grifos no original). Em cada uma dessas etapas – que não são necessariamente lineares nem excludentes – a autora reconhece a imprevisibilidade do campo, a força do contexto e a imprescindível colaboração das participantes (REINHARZ, 1983, p. 184). A pesquisadora é um sujeito ativo e relacional dentro do campo – sua presença representa interferências inevitáveis que também devem ser reconhecidas, abordadas e detalhadas no relatório da pesquisa. Tudo que a pesquisadora percebe e tudo aquilo do qual ela participa é atravessado pela sua experiência e atravessa a experiência dos sujeitos com quem compartilha o campo.

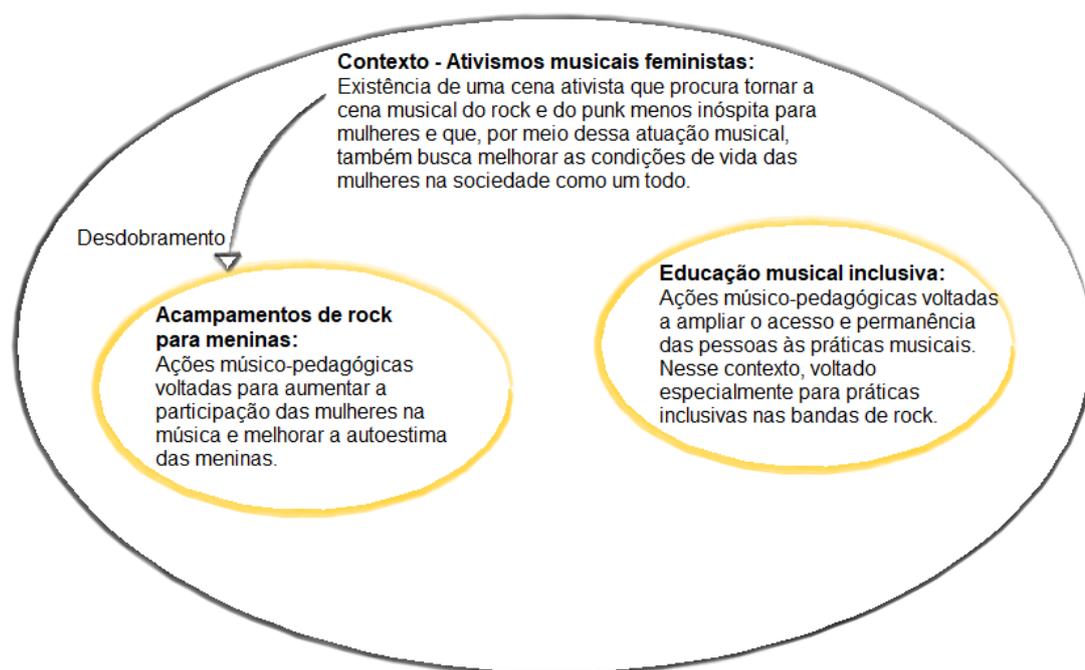
Revisão de literatura

A revisão de literatura “tem por objetivo iluminar o caminho a ser trilhado pelo pesquisador, desde a definição do problema, até a interpretação dos resultados” (ALVES-MAZZOTTI, 2002, p. 26). Como relatado no início do texto, a esta foi a primeira etapa iniciada na pesquisa, com a perspectiva de encaminhar um melhor delineamento do tema. Com a minha entrada no campo e à medida que dados eram produzidos e coletados, foi possível afinar cada vez mais essa revisão, chegando a definições mais precisas da temática e do problema da pesquisa. Considerando também que a produção do conhecimento “é uma construção coletiva da comunidade científica, um processo continuado de busca, no qual cada nova investigação se insere, complementando ou contestando contribuições anteriormente dadas ao estudo do tema” (Ibidem., p. 27) , a revisão também possibilitou melhor

compreender a forma como a minha pesquisa se coloca no meio acadêmico, além de apontar seu potencial para contribuir com o avanço do conhecimento na área.

Por se tratar de uma temática ampla e contemporânea – educação musical e gênero – a escolha dos termos para realizar a revisão de literatura foi um processo essencial e que passou por várias modificações. Por fim, cheguei a um modelo gráfico que tem funcionado até o momento para guiar o contínuo processo de busca e seleção de pesquisas afins:

Figura 1: Modelo gráfico da revisão de literatura.



Fonte: o(a) autor(a) (2020)

A pesquisa começa com o delineamento do contexto que levou ao estabelecimento de ações músico-pedagógicas, semelhantes às realizadas em Porto Alegre, em diversas cidades pelo mundo. Tais ações ligam-se à história do movimento punk, iniciado na década de 70, com intenso protagonismo feminino (REDDINGTON, 2004). O forte ativismo musical feminista da época era propiciado pela estética furiosa do punk, cuja sonoridade e demanda por uma expressão crua tornavam a cena muito convidativa para grupos que, por questões históricas e sociais, chegavam à idade adulta com pouca ou nenhuma experiência prática musical (REDDINGTON, 2004, p. 439).

Nos anos 90, o legado do punk culminou com o movimento *Riot Grrrl*, que uniu juventude, música punk e feminismo, na cidade de Olímpia, nos EUA (FACCHINI, 2011, p. 123). O *Riot Grrrl* teve uma série de desdobramentos que podem ser acompanhados em artigos que se dedicam a compreender cenas musicais feministas pelo mundo (FACCHINI, 2011; ROUSE, 2019; O'SHEA, S., 2012).

Um dos seus principais desdobramentos do movimento *Riot Grrrl* foram os acampamentos de rock para meninas. A pesquisa de Nyala Ali (2012) dedica-se a traçar a ligação entre esses movimentos, buscando compreender “construções da musicalidade do rock e da juventude das meninas desde o movimento *Riot Grrrl* do final dos anos 80/início dos anos 90, até a formação, em 2001, do *Rock 'N' Roll Camp for Girls* em Portland” (ALI, 2012, p. 141) nos EUA. O *Rock 'N' Roll Camp for Girls*, mencionado pela autora, foi um marco na história dos acampamentos musicais e iniciou uma série de acampamentos de rock para meninas que se espalhou pelo mundo, hoje unidos e organizados em uma aliança internacional².

Os acampamentos de rock para meninas tornaram-se importantes espaços de produção cultural por e para meninas e mulheres, sendo compreendidos como espaços privilegiados de transformação social e enfrentamento à subordinação cultural (SCHILT; GIFFORT, 2012, p. 147). Esses movimentos

[...] aderem à sensibilidade punk do tipo faça-você-mesmo (DIY) e priorizam a música, com outras atividades culturais desempenhando papéis coadjuvantes, como uma maneira de envolver um público mais amplo com objetivos e metas feministas e como um meio de mulheres e meninas criarem sua própria cultura (O'SHEA, S., 2012, p. 1).

O potencial de transformação social das práticas em bandas de rock, observado nesses acampamentos, também é trabalhado em outros projetos de educação musical que não se vinculam diretamente a esses movimentos - embora originem-se no mesmo contexto e compartilhem muitos de seus fundamentos. A prática musical ligada a bandas de rock, considerando mais o seu formato instrumental do que uma sonoridade limitada ao gênero rock, é carregada de potência para quem tem a chance de praticá-la. Entretanto, o contexto

² Site oficial do *Girls Rock Camp Alliance*: <https://www.girlsrockcampalliance.org/>. Acesso em 18 ago 2020.

tem demonstrado que este é um espaço de disputas: embora não haja motivos que justifiquem que um sujeito seja impedido, ou tenha seu acesso a essa prática dificultado, em função de sua raça, etnia, gênero, geração, classe ou religião, a realidade é que as bandas de rock tem sido, essencialmente, um espaço ocupado por homens jovens (BOURDAGE, 2010).

Assim, diversas ações músico-pedagógicas têm se dedicado a tornar tais práticas musicais mais acessíveis e inclusivas. Apolloni (2008) observando o “crescente fenômeno de escolas de rock para meninas” (APOLLONI, 2008, p. 1), realizou workshops de rock para garotas e entrevistou suas participantes, para registrar suas percepções. Combinando “educação musical com feminismo e abordagens alternativas à pedagogia”, a autora defende que tais escolas proporcionam “a garotas e jovens mulheres, habilidades musicais que possibilitam que elas articulem vozes empoderadas” (Ibidem.).

Laes (2015), em artigo no qual apresenta um estudo de caso com mulheres que têm em torno de setenta anos e “estão aprendendo a tocar instrumentos de banda de rock em um contexto de uma escola de música formal” (LAES, 2015, p. 51), também articula a ideia da prática do rock como uma ferramenta pedagógica para experiências transformadoras. Seu trabalho contribui com discussões acerca das aprendizagens possíveis em bandas de rock e a forma como o aprendizado musical nesse contexto pode proporcionar a construção de novos significados musicais na vida das pessoas, e, nesse caso, na vida de mulheres mais velhas.

O’Shea, H. (2012), por sua vez, acompanhou um projeto semelhante, que também proporcionou a prática em bandas de rock para pessoas mais velhas, porém sem o recorte de gênero. Sua pesquisa acompanha um projeto de educação musical que se passa na cidade de Melbourne, Austrália, voltado para pessoas mais velhas que desejam resgatar suas vivências musicais da adolescência. O programa propicia o encontro entre essas pessoas, espaço, equipamento e um orientador para formar uma banda, que irá ensaiar durante quatro semanas e se apresentar, ao final, para amigos e familiares (O’SHEA, H., 2012, p. 199). Diferente dos projetos trazidos até aqui, nesse caso espera-se que os participantes tenham algum conhecimento musical prévio que os possibilite, por exemplo, a ler e executar acordes básicos (Ibidem., p. 201).

Por fim, na Alemanha, projetos musicais itinerantes que levam equipamentos e orientadores até grupos de jovens que, de outra forma, não teriam acesso a tais práticas musicais, cumprem a função de democratizar o acesso a práticas de bandas de rock. Esses projetos têm sua origem histórica ligadas a lutas sociais e buscam proporcionar experiências práticas musicais nas comunidades em que chegam (BANFFY-HALL; HILL, 2017, p. 6-7)

O primeiro projeto do tipo, que segue em funcionamento, se chama “Rockmobil” e iniciou em 1986, por iniciativa do trabalhador comunitário Günter Pleiner (PLEINER, 1999; BANFFY-HALL; HILL, 2017, p. 6). Posteriormente, esse formato de ação se difundiu pela Alemanha e países vizinhos, sempre ligados a gêneros musicais atuais e questões sociais relevantes (PLEINER, 1999, p. 13). É o caso dos projetos “rocketta” e “Ohura”, voltados para meninas e mulheres (PLEINER, 1999, p. 18), e do “Jamtruck”, projeto que foi uma iniciativa de uma escola de música, com o objetivo de chegar aos “jovens que não pertencem ao público normal das escolas de música, que moram nos bairros periféricos da cidade e que não recebem nenhum impulso da família para tocar música ativamente” (BANFFY-HALL; HILL, 2017, p. 5).

Considerações finais

Nesse artigo, apresentei duas etapas fundamentais para o início da pesquisa de doutorado: a fundamentação metodológica e a revisão de literatura. O encaminhamento dessas duas etapas acompanhou minha entrada no campo, que já resultou na construção de dados de pesquisa, cujas análises iniciais contribuíram para um apuramento da revisão de literatura em curso.

Além de seguir aprofundando ambos aspectos da pesquisa, nas próximas etapas sistematizarei e aprofundarei a análise dos dados já obtidos, o que levará à fundamentação teórica. Trata-se de duas etapas dialéticas: a análise dos dados informa a fundamentação e a construção da fundamentação aprofunda e intensifica a análise dos dados.

O que já se pode apontar até o momento é que parece que o grande mérito de projetos que criam espaços para pessoas fora do estereótipo clássico do rock (BOURDAGE, 2010) engajarem-se em tais práticas, reside em mostrar que não há impedimentos

justificáveis, em termos de gênero, idade, etnia, raça, classe ou religião para impedir uma pessoa de participar ativamente de uma banda de rock. Dada as oportunidades, qualquer indivíduo, inculcado desse desejo, tem condições de ocupar esse lugar. A questão é que enquanto as socializações dos indivíduos não necessariamente contribuem para isso, tais projetos ainda são necessários para desconstruir esses estereótipos, tanto para o indivíduo em si como na visão da sociedade como um todo.

Referências

ALI, Nyala. From Riot Grrrl to Girls Rock Camp: Gendered Spaces, Musicianship and the Culture of Girl Making. *Networking Knowledge: Journal of the MeCCSA Postgraduate Network*, Reino Unido, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://ojs.meccsa.org.uk/index.php/netknow/article/view/251>>. Acesso em: 18 ago 2020.

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno. In.: BIANCHETTI, Lucídio. NETTO MACHADO, Ana Maria (Org.). *A Bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Ed. Da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44

APOLLONI, Alexandra. Rebel Grrrls in the Classroom: Vocality, Empowerment and Feminist Pedagogy at Rock and Roll Schools for Girls. *Thinking Gender Papers*. UCLA, California. 2008. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/0b18q8fb>>. Acesso em: 18 ago 2020

BANFFY-HALL, Alicia de. HILL, Burkhard. Community Music: Eine Einführung. *Kulturelle Bildung Online*. 2017. Disponível em: <<https://www.kubi-online.de/artikel/community-music-einfuehrung>>. Acesso em: 18 ago 2020

BOURDAGE, Monique. “A Young Girl’s Dream”: Examining the barriers facing female electric guitarists. *Journal of the international association for the study of popular music*. Reino Unido, V. 1, n. 1, 2010. Disponível em <https://iaspmjournal.net/index.php/IASPM_Journal/article/view/334>. Acesso em: 19 ago 2020

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 17ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2019

FACCHINI, Regina. “Não faz mal pensar que não se está só”: estilo, produção cultural e feminismo entre as minas do rock em São Paulo. *Cadernos Pagu*. Unicamp, Campinas, n. 36, p. 117-153, 14 abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644991>>. Acesso em: 25 ago 2020

LAES, Tuulikki. Empowering later adulthood music education: A case study of a rock band for third-age learners. *International Journal of Music Education*. SAGE Publications: Los Angeles, Londres, Nova Deli, Singapura e Washington, V. 33, n. 01, p. 51-65. 2015.

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura. In.: MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-42

MIES, Maria. Towards a methodology for feminist research. In.: BOWLES, Gloria; DUELLI KLEIN, Renate (Ed.). *Theories of Women's Studies*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983. p. 117-139

OAKLEY, Ann. Interviewing women: a contradiction in terms. In: ROBERTS, Helen. *Doing Feminist Research*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1981. p. 30-61

OAKLEY, Ann. Interviewing women again: power, time and the gift. *Sociology*. SAGE publications: Londres, v. 50, no. 1, 2015.

O'SHEA, Helen. 'Get back to where you once belonged!' The positive creative impact of a refresher course for 'baby-boomer' rock musicians. *Popular Music*. Cambridge University Press, V. 31, n. 2, p. 199-215, 2012.

O'SHEA, Susan. Feminist Music Worlds - Riot Grrrl, Ladyfest, and Rock Camp for Girls. *New Left Project*, 04 January 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1291408/Feminist Music Worlds Riot Grrrl Ladyfest and Rock Camp for Girls](https://www.academia.edu/1291408/Feminist_Music_Worlds_Riot_Grrrl_Ladyfest_and_Rock_Camp_for_Girls)>. Acesso em 25 ago 2020

PLEINER, Güntrer. Musikmobile in der BRD: Im Rockmobil zum Datenhighway – Entwicklungen in der mobilen Musikkarbeit 1986-1999. In.: PLEINER, Güntrer, HILL, Burkhardl (Org.). *Musikmobile, Kulturarbeit und Populäre Musik: Pädagogische Theorie und musikalische Praxis*. Wiesbaden, Alemanha: Springer Fachmedien, 1999. p. 11-37

REDDINGTON, Helen. The Forgotten Revolution of Female Punk Musicians in the 1970s. *Peace Review*. San Francisco, v. 16, no. 4, p. 439-444, 2004.

REINHARZ, Shulamit. Experiential analysis: a contribution to feminist research. In.: BOWLES, Gloria; DUELLI KLEIN, Renate (Ed.). *Theories of Women's Studies*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983. p. 88-104

_____. *On becoming a social scientist: From survey research and participant observation to experiential analysis*. 6ª edição. Piscataway, Nova Jersey: Transaction Publishers, 2002. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=IGX6v4fyytcC&hl=pt&pg=GBS.PP1>> Acesso em 30 mar 2020

ROUSE, Jennah. (2019), "'Punks are not girls': Exploring discrimination and empowerment through the experiences of punk and alt-rock musicians in Leeds". *Punk & Post-Punk*. Bristol e Wilmington, v. 8, no. 1, p. 73–88, 2019. Disponível em: <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/punk/2019/00000008/00000001/art00006;jsessionid=15egs9497xmsa.x-ic-live-02>>. Acesso em 25 ago 2020.

SCHILT, Kristen. GIFFORT, Danielle. 'Strong Riot Women' and the continuity of feminist subcultural participation. In: BENNETT, Andy. HODKINSON, Paul. *Ageing and Youth Culture: Music, style and identity*. Londres e Nova Iorque: Berg. 2012. p. 145-158

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In.: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 7-12

TERRAGNI, Laura. A pesquisa de gênero. In.: MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 141-163